

“Cristo Parou em Éboli”: para um diálogo entre literatura e formação humana

Márcia Ferreira Torres Pereira*

Resumo

O objetivo desse artigo consiste em compreender, a partir do entrecruzamento das leituras e estudos realizados e em diálogo com Bourdieu, o estabelecimento da relação entre os aspectos interno (estética pura) e externo (reflexo do social) da literatura, ou seja, como expressão do social e criação do espírito humano, considerando o romance “Cristo Parou em Éboli” de Carlo Levi, com possibilidades de extrair desta obra elementos necessários à análise sociológica, interrogar a formação humana e o seu sentido estético emancipatório. O estudo contou com as leituras de alguns teóricos em diálogo com Bourdieu, como: Benjamin (1994); Bourdieu (1994; 2003; 2008); Brum (1996); Cândido (2002); Cohen (1978); Fisher (1981); Goldmann (1979) Lukács (1981) e outros referenciais bibliográficos, como: Adorno e Horkheimer (1978); Brandão (1986). Considera-se a literatura como veículo que intervém em posturas político-culturais diante das formas de produzir a vida, como forma de transformar o mundo, constituinte da cultura e constituída pela cultura, visa conscientização da realidade pela compreensão dialética e estética entre a imanência da tradição e a transcendência com fins à criação.

Palavras-chave: realidade social, cultura, literatura, autonomia.

"Christ Stops at Éboli": for a dialogue between literature and human formation

Abstract

The purpose of this article is to understand the establishment of the relationship between the internal (pure aesthetic) and external aspects (social reflection) of the literature, that is, as an expression of the interrelatedness of the readings and studies carried out and in dialogue with Bourdieu of the social and creation of the human spirit, considering the novel "Christ Stopped in Éboli" by Carlo Levi, with possibilities to extract from this work elements necessary for sociological analysis, to question human formation and its emancipatory aesthetic sense. The study counted on the readings of some theoreticians in dialogue with Bourdieu, as: Benjamin (1994); Bourdieu (1994; 2003; 2008); Brum (1996); Candido (2002); Cohen (1978); Fisher (1981); Goldmann (1979) Lukács (1981) and other bibliographic references, such as: Adorno and Horkheimer (1978); Brandão (1986). Literature is considered as a vehicle that intervenes in political and cultural positions before the ways of producing life, as a way of transforming the world, constituent of culture and constituted by culture, aims at raising awareness of reality through dialectical and aesthetic understanding between the immanence of tradition and transcendence for creation purposes.

Keywords: social reality, culture, literature, autonomy.

* Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – PPGE/FE/UFG. E-mail: marciaftorresp@gmail.com.

Introdução

A importância da literatura para a formação humana consiste, entre outros aspectos, em compreendê-la como obra de arte e sua força evocativa e dialética entre o passado da humanidade e as experiências novas. Essa dinâmica histórica possibilita que a literatura contribua para a formação humana como material significativo de análise da sociologia e da antropologia e que, de maneira insular, a outros campos do conhecimento devido ao seu potencial que amplia a percepção da realidade objetiva, como representação do real, e subjetiva, como criação do espírito, de forma a romper com visões polarizadas e lineares na manutenção do exercício dialético da reflexão abarcada pela relação entre universal e particular.

Sobre essa relação dialética cabe destacar que o universal/universo social objetivo

[...] determina a vida dos homens como também se manifesta subjetivamente como conteúdo de uma consciência no mundo figurado [...]. Com essa representação simbólica do singular e do universal, a obra de arte revela – em virtude de sua essência objetiva, independentemente das intenções subjetivas que determinam o seu nascimento (LUKÁCS, 1981, p. 190).

Assim, como veículo que intervém em posturas político-culturais diante das formas de produzir a vida, a literatura se expressa como forma de transformar o mundo, constituinte da cultura e constituída pela cultura; visa conscientização da realidade pela compreensão dialética e estética entre a imanência da tradição e a transcendência com fins à criação.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo consiste em compreender, a partir do entrecruzamento das leituras e estudos realizados e em diálogo com Bourdieu, o estabelecimento da relação entre os aspectos interno (estética pura) e externo (reflexo do social) da literatura, ou seja, como expressão do social e criação do espírito humano, considerando o romance “Cristo Parou em Eboli” de Carlo Levi, com possibilidades de extrair desta obra elementos necessários à análise sociológica, interrogar a formação humana e o seu sentido estético emancipatório.

Dedicar-se ao estudo da literatura requer debruçar-se sobre ela e considerar as referências bibliográficas dos estudiosos que contribuem para esse conhecimento, em suas linguagens distintas, compreende formas de promover especificidades e corroboram o compromisso com a realidade que procura representá-la. A proposta que

se impõe inicialmente compreende o romance como gênero literário referente a um tempo histórico determinado, cuja obra selecionada, autor e personagem se entrecruzam.

Se é possível ler um romance como fluxo contínuo da memória e, portanto, que busca a identidade da biografia do autor, pode-se considerar que há nele, segundo Benjamin (1994), um movimento de recolhimento e de dispersão que funda a atividade narradora, muitas vezes percebida como sendo exclusivamente de reunião e de restauração. Movimento mesmo da linguagem, pelo qual as “coisas” só estão presentes porque não estão aí enquanto tais, mas ditas em sua ausência. A experiência está contida nas narrações dessa obra supracitada em que o narrador conta experiências próprias e alheias, sempre imprimindo sua marca memorialística numa região do sul da Itália, nas aldeias de Grassano e Gagliano.

Nesses espaços possíveis do humano, em que segundo Cândido (2002, p. 83), “[...] a literatura age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras”, e ainda, considerando as experiências narradas que interrogam a imaginação do leitor, somadas ao estudo de literatura e sobre literatura como potencial da práxis histórica, pretende-se indagar como a literatura, sobretudo a obra “Cristo Parou em Eboli” de Carlo Levi, contribui para problematizar/refletir a formação humana em seu sentido estético?

Embora seja condição à autonomia do pensamento que haja uma reprodução orgânica, em que o indivíduo seja capaz de expressar sua subjetividade pela apreensão dos universais – formas de pensamento e linguagem – esse estudo impõe-se reflexão crítico-dialética para responder a questão que se anuncia, posta como exigência necessária com vistas ao redimensionamento do campo da própria experiência de quem se deixa afetar. Em busca de desenvolver o estudo sobre literatura, estabelecendo um diálogo com o romance referido, dois aspectos foram selecionados para organizar essa reflexão dialética: a relação entre literatura e sociedade, considerando a obra literária como totalidade que envolve autor e leitor, realidade social e cultural; e a literatura e formação humana com fins à humanização para se pensar numa educação estética.

2. Relação entre literatura e sociedade

Entende-se que a narração, experiência de sentido, trabalha a memória intersubjetiva e para a constituição do sujeito sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento. O romance referido cumpre certa autonomia significativa que, segundo Cândido (2002), ancora-se no problema da função da literatura como representação de uma realidade social e humana, em que é possível localizar como no romance de Carlo Levi o momento histórico na Europa.

O romance confere suas passagens, especificamente na Itália na região da Lucania, atualmente conhecida como Basilicata, quando o autor e também personagem narra seu exílio nesta região, uma das mais pobres do sul italiano, apresentando suas impressões somadas às histórias contadas pelos habitantes e camponeses da região, as quais expõem as realidades da emigração, da exploração do trabalho dos camponeses, das parcas condições de saúde, as discriminações dessa região pelo Estado e os aspectos místicos religiosos.

Entrementes, o romance moderno de Carlo Levi se aproxima das apreensões de Lukács (1981, p. 180) sobre o romance em que: “[...] os grandes romancistas esforçam-se para inventar uma ação que seja típica da situação social do seu tempo [...] escolhem um homem que possa revestir-se dos traços típicos da classe [...]”.

Este aspecto supracitado chama a atenção na própria narrativa que contém informações biográficas do autor, quando em 1929, Carlo Levi, juntamente com Carlo e Nello Rosselli, fundou um movimento antifascista chamado *Giustizia e Libertá* tornando-se líder do ramo junto com Leone Ginsburg, um judeu russo de Odessa que havia emigrado com seus pais para a Itália. Também se juntou a Francesco Menzio, todos pintores de Turim no famoso “Grupo dei Sei” (Grupo dos seis), lugar de encontro dos artistas que se expressava como *locus* de posições estéticas e políticas.

Exatamente devido à criação desse movimento aludido que Levi foi preso e exilado em Grassano e, posteriormente em Gagliano, aldeia que concentra a maior parte da narrativa entre os anos de 1935 a 1936. Banhada por uma pobreza quase desconhecida, próxima ao próspero norte da Itália em que se destacam diferenças de classes entre camponeses, pequenos burgueses e os detentores do poder dos latifundiários das terras camponesas, há um grande capital global que se opõe àqueles

menos providos de capital econômico e cultural, conforme aparece na narrativa: “Costuma-se dizer que o grande inimigo é o latifúndio, o grande proprietário [...]. Entretanto, se [...] é um inimigo dos camponeses, não é, todavia, o maior [...]. O verdadeiro inimigo, [...] é a pequena burguesia das aldeias” (LEVI, 1996, p. 294).

Acresce-se à relação entre a narrativa e a realidade social, a experiência do autor da obra, que se opõe às condições sociais denunciando-as para não calar um saber a respeito do qual para muitos leitores e personagens seria insuportável assumir diante das formas de opressão e de dominação existentes. O autor refere-se às diferenças de classe, mas também ao fato de que há práticas que aparentemente são opostas, mas se manifestam internas nas classes ainda que opostas, visto que as regiões do sul e norte da Itália avalizavam realidades semelhantes quanto à exploração do trabalho dos camponeses.

Esse aspecto aproxima-se de algo decisivo da teoria de Bourdieu sobre o conceito de prática compreendida a partir do conceito de *habitus* entendido como “[...] produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva [...] consigam reproduzir-se” (BOURDIEU, 1994, p. 74-75).

Assim, a obra apresenta também os distintos *habitus* em que Levi, pintor, médico graduado em 1924 e assistente do professor Micheli da Clínica da Universidade de Turim de 1924 a 1928, ainda com poucos conhecimentos sobre a ciência médica, realiza a sua árdua experiência em meio ao povo da aldeia com suas habilidades, como também reaviva memórias do sofrimento da última guerra. Nesse campo de diversidade de interesses e de condições sociais o autor narra suas convivências, vivências e o sentir dos problemas acarretados pela guerra e, ao mesmo tempo, expressa as marcas da violência internalizada nos habitantes da região.

Diante das condições apresentadas na narrativa observa-se nos camponeses uma consciência da realidade social trágica pelas formas de vida que parecem ter perdido toda a capacidade de se deixar tocar, uma irreduzibilidade singular do sensível, assim como ser incapaz de viver com o que não se submete à forma de identidade. Essas considerações iniciais parecem exigir do protagonista (narrador personagem) adaptação à vida na aldeia, nesse caráter totalitário do uno que para Levi implica em resistência, pois entendido como natureza e como mais do que natureza, pode ser senhor de si

mesmo, não se reduzindo à mera adaptação é que a narrativa conduz à formação humana.

A respeito da experiência do narrador e em especial aos sujeitos já identificados a uma realidade social alienante, chama a atenção para uma constante reflexão do autor, num movimento incessante de análise e confrontação com a autonomia do saber, e de retorno a si a partir dos impactos de sua experiência. Aos poucos o narrador, em certa medida, configura e sistematiza seus pensamentos a partir do que é dado como real, empreendendo uma busca para transcender possibilidades entre as descrições de suas lembranças individuais e o silêncio próprio da indiferenciação dos habitantes marcados pelas experiências vividas.

Ressalta-se nesse estranhamento vivido pelo autor e como personagem naquela região tão distinta da Itália o lugar da não-identidade às condições políticas e sociais. O desafio à interação coletiva, com vistas à humanização, enfrentado por Levi, o leva a constituir com a força da reflexão a condição para denegar toda a força contrária exercida sobre o sujeito à condição de objeto (alienação).

É nesse campo de capital político, segundo Bourdieu (2008), que o autor da obra constrói a representação do espaço social, considerando a dominação, os privilégios existentes e os estilos de vida. Tudo isso faz com que Levi se aproprie de algo capaz de desafiar-se para um acontecimento gerador de novas formas de pensar sobre a realidade, concedendo à obra o seu sentido estético e formativo.

O autor de “Cristo Parou em Éboli”, como líder antifascista, destituído e impedido de exercer sua militância e sua profissão, sofre as condições mais precárias e de degradação humana que a sociedade moderna e capitalista provoca, considerando a estratégia do caráter totalizante de seu eficiente sistema ao proporcionar a condição de pensar livre sem que se perceba o quanto se está submetido a esse mesmo sistema. É possível perceber que Levi narra e realiza autocrítica ao revelar-se como aprendiz de seus “exílios”. O autor da obra em questão abandona a condição primeira de exilado para constituir-se como tal, não mais como vítima de um processo injusto, mas de um exílio da experiência, do não pertencimento aos lugares por onde passa.

Destarte, a obra de Levi se dispõe a conduzir o leitor a conhecer o que Lukács (1981, p. 181) critica entre o romance e a realidade social: “Nos grandes romancistas, nem a ação nem a representação, o típico não significa a média; ao contrário, o típico se

alcança pelo desvelamento energético das contradições que aparecem nos caracteres excessivos [...]”.

Verifica-se na narrativa o quanto a arte e a literatura estão presentes na obra de Carlo Levi, exatamente por se opor e se distanciar da impossibilidade do desvelamento das contradições, se concentrando como escritor naquilo que não é possível dar conta por meio do relato. Levi expõe suas reflexões sobre o local habitado em suas diferentes dimensões e de modo expressivo busca compreender os sujeitos e, conseqüentemente, a si mesmo, percebendo-se ora como estrangeiro ora como partícipe daquela comunidade na medida em que se deixa envolver com os problemas e situações existentes. Ao realizar autocrítica na narrativa, o autor fornece elementos ao leitor para pensar sobre as possibilidades de alteridade, ao que parece contraditório se não houvesse o que há de humano num espaço cuja “máscara” das virtudes civilizatórias devessem ser banidas quando as regras já não fazem sentido, salvo o interesse por dinheiro e poder.

As trajetórias contribuem para definir as possibilidades que Levi enfrenta nos campos político e cultural, quando as disputas comandam as relações sob diferentes formas. O conhecimento da medicina, por exemplo, constituiu-se como instrumento no contexto das relações para que Levi se aproximasse dos habitantes da aldeia, de maneira que suas atividades fossem valoradas diante das graves enfermidades presentes na região. É nessa condição que lhe é conferido certo prestígio social, surgindo mudanças engendradas por articulações no jogo do campo político em novas configurações sociais, na ambivalência entre ser dominado e ser reconhecido pelo conjunto de indivíduos necessitados de cuidados, como também por aqueles que se interessavam em manter o controle sobre a população da aldeia.

A narrativa empreende um “salto” qualitativo sobre o campo relacional da experiência do personagem entre o potencial social desumanizador e uma possível resistência no sentido emancipatório (Adorno & Horkheimer, 1988). A esse respeito Levi exerce interferência sobre a constituição coletiva, sobretudo no que diz respeito à cooperação e aos conflitos que comandam os espaços, às distintas representações e às posições tomadas. Tendo em vista o contexto que caracteriza o exílio de Levi e o desamparo dos habitantes em meio à “orfandade”, pela qual os faz sentir esquecidos em Gagliano, o momento sugere uma representação para herdar o que a esperança havia escondido. O conhecimento de Levi permite a retomada de valores já esquecidos pelos

habitantes em meio à luta pela sobrevivência, antecipando uma imagem acolhedora diante do desencantamento do mundo e em meio ao paradoxo que envolve um agente marcado socialmente por posições políticas contrárias aos interesses do Estado, ao tempo que também é tomado por essa mesma experiência dialeticamente.

Carlo Levi, o degredado político e antítese dos representantes dos maus tratos feitos aos habitantes da aldeia, estabelece-se na aldeia como “herói” dos que estão à margem. O autor, então, renuncia àquele realismo que reproduz a realidade como aparente para sim denunciá-la e, ao mesmo tempo, modificá-la. Por isso, sua obra tem por objeto o conflito entre as relações entre os homens. A obra ao expressar conformismo e autoritarismo ressalta que “a própria alienação torna-se um meio estético para o romance. Pois quanto mais se alienam uns dos outros, os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros [...]” (ADORNO, 2012, p.58).

Parafraseando Benjamim (1994), o narrador como um viajante que volta de longe é aureolado por uma suprema autoridade que a última viagem lhe conferiu, fonte da verdadeira experiência narrada, circunscreve-se a condição do personagem protagonista em “Cristo Parou em Éboli” ao encontrar nos habitantes e camponeses sem experiências a compartilhar, nem histórias para contar, a possibilidade de transformar a pobreza da experiência num potencial para a autonomia.

A importância que sobressai na obra de Carlo Levi é a de deixar marcas e realizar de maneira exaustiva, diante das hesitações e angústias da história, os vários desenvolvimentos possíveis para que se estabeleçam outras relações, tanto sociais como individuais. Enquanto manifestação do esquecimento, as personagens são as testemunhas de um mundo primitivo e a narrativa nasce da violência, aspecto importante para que a sociedade se aperceba da necessidade de humanização, ao tempo que esta tentou submeter tais personagens à sua forma pela denegação do sofrimento.

O elemento importante e desafiador que a obra de Levi se põe a mostrar, frente ao paradoxo que busca extrair da realidade social e histórica da memória dos camponeses, é aquilo que não é possível de ser lembrado e de ser dito, numa possível reintegração de contextos e tempos não meramente reproduzidos, mas recriados, próprios da tarefa da literatura no âmbito do compromisso com a expressão de uma verdade exterior.

A obra de Carlo Levi, publicada somente em 1945, fim da II Guerra Mundial, quando os interesses de dominação hegemônica aparentemente não correspondiam mais aos intentos fascistas de Benito Mussolini. Portanto, esse período referenciado alude ao que o autor acima referido apresenta como o impulso característico do romance, qual seja a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, convertendo-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece como algo “assustador” e duplamente “estranho” no contexto imposto pelas condições sociais, sendo capaz de provocar inquietações no leitor, interrogando a si mesmo e a realidade. Esse é “[...] o valor da obra de arte no sentido social, pois o objeto da sociologia da literatura é o conjunto das relações” (BOURDIEU, 2003, p. 219).

3. Literatura e formação humana com fins à humanização

Ao longo da narrativa, no exercício do retrocesso do tempo, o narrador/personagem é posto à prova, pela qual busca não somente sobreviver às intempéries, mas para o desafio em lidar com as diferenças se revelando observador ao narrar suas vivências e reflexões de modo a descortinar para o leitor(a) explicações sobre suas ações, muitas vezes em monólogos, os quais contrariam a obtenção de bens e condições materiais, incluindo *status* e poder, próprios dos grupos humanos.

O interessante da narrativa é que os camponeses, subjugados pelo poder político e econômico, são objetos da exploração do trabalho e parecem se identificar com o exilado. Nesse contexto exterioriza-se a necessidade de coletividade, em meio à memória da guerra. O autor se debruça sobre a possibilidade de haver uma consciência voltada para conhecer as condições do outro e, surpreendendo-se, surpreende o(a) leitor(a). A habilidade da narrativa conserva o sofrimento como sendo de todos(as), tencionam sentimentos no narrador para entender a condição humana e suas ambigüidades, empreendendo sentido relacional entre literatura e formação humana com fins à humanização.

Exilado como um estrangeiro transgressor provisório, Levi é obrigado a adotar a condição de intelectual, colocado no centro de um campo de forças à oposição de sua condição de socialmente excluído. Seu prestígio intelectual e artístico alcançado entre os camponeses da aldeia se equilibra entre as necessidades dos habitantes e as condições sociais que já não mais são capazes de explicar as razões primeiras que levaram Levi

àquela região. Um conjunto de posições sociais é confrontado a um conjunto de atividades que evidenciam um momento crítico. Este último extrai do campo social a exigência de outra leitura sobre as condições sócio-históricas mais emergentes à humanização, evidencia a dinâmica histórica correspondente aos necessários reordenamentos da vida coletiva e se distingue pela sua particularidade.

A frase que abre a narrativa: “passaram-se muitos anos, cheios de guerra e do que costuma chamar história [...]” define o processo e as condições históricas, marcado por vários acontecimentos mundiais de extrema importância. O autor do romance põe em prática a empreitada da memória e transcende aspectos internos da própria Itália ao conhecer e experimentar a história daquele grupo na região da Toscana, momento em que a ideologia fascista se manifestava e ganhava força sob a liderança de Benito Mussolini, desde 1922.

Foi com as ações antifascistas que Carlo Levi expressou em sua narrativa sua posição política e proximidade com a realidade histórica, conferindo relevância a afirmação que Brum (1996, p. 16) faz ao romance:

pelo fato de ser uma manifestação em prosa, de possuir um cunho narrativo e de consistir num discurso que incide sobre uma realidade vivida, recupera aspectos da vida corrente, passa a dividir com a historiografia a função de organizar os fatos em uma organização discursiva.

Ao acolher os camponeses, Carlo Levi, requisitado para atuar como médico e depois com outras ações, incluindo o ensino e os aconselhamentos estabelecidos pelo estreitamento das relações que se consolidaram, consegue a confiança dos habitantes e o reconhecimento por parte de grupos representantes da autoridade local. Esse aspecto da narrativa sugere, segundo Brandão (1986), o quanto é preciso domar o espírito do dominador, explicá-lo, reduzi-lo, enquanto realidade viva, assim como o poder da realidade eficaz dos símbolos de valores de quem pode dizer quem são as pessoas e o que valem umas para as outras, em que o outro sugere ser decifrado. Portanto, o aspecto ficcional do romance, considerando as formulações da linguagem, apresenta expressiva representação da realidade.

Sob esse aspecto relatado, relacionando o romance “Cristo Parou em Éboli” à bibliografia do autor Carlo Levi, a visão de Lukács, citado por Brum (1996, p. 35), apresenta sustentabilidade ao dar sentido ao romance moderno quando afirma que “[...] é possível dizer que os problemas formais nada mais são do que reflexos artísticos

desses tumultos. Por outro lado, o romance é o grande responsável pelo desenvolvimento de uma perspectiva realista na literatura [...]”.

Ao longo da narrativa, no exercício do retrocesso do tempo, esse narrador/personagem também expressa a razão do título de sua obra, correspondendo esta a uma região devastada pela miséria – Éboli – um lugar em que o povo vivia em completa orfandade, sem Estado, progresso e religião. Soma-se a essa condição as diferenças existentes na região de Éboli em relação às demais regiões do norte da Itália, a começar pela característica da origem desse povo com os chamados bandidos ou fora da lei (*brigantaggio* ou *briganti*), em anos anteriores que se desenvolveu como guerrilha de grupos, símbolo de resistência em determinadas situações políticas e sociais existentes.

Embora o cenário se mostrasse desumano entre resistência e desamparo, o protagonista Levi narra o momento de um campo político, quando o seu reconhecimento como médico ocorria por outras vias, menos pelas autoridades instituídas da aldeia:

No dia seguinte [...] desejavam, ao menos, conseguir que eu continuasse a ser o médico deles, e o queriam de uma forma legítima; portanto, tinham resolvido fazer uma petição, assinada por todos com essa finalidade. [...] um sentido natural de direito, por uma intuição espontânea daquilo que, para eles, deveria ser verdadeiramente o Estado: uma vontade comum que se transformava em lei (LEVI, 1996, p. 268-269).

Essa atitude narrada no fragmento supratranscrito ressalta a proximidade do personagem ao espaço social, conforme cita Bourdieu (2008, p. 50): “[...] uma unidade fundada sobre uma relação afetiva, amorosa ou amistosa, seja ela ou não socialmente sancionada. Dito de outro modo, o trabalho simbólico de constituição ou de consagração necessário para criar um grupo unido”.

Essa leitura transcorre sobre o espaço social, no qual seu próprio autor estava situado e, possibilitando efeitos do real, não deixa de se posicionar para que fosse esclarecida ao grupo a impossibilidade da legitimidade da representação como médico da aldeia devido à complexidade de ações que engendram o campo político nos contextos sociais de dominação. É nesse movimento que o campo cultural se destaca na narrativa a partir de uma manifestação teatral em tom satírico dramatizado por alguns habitantes da aldeia movidos, sobretudo, do gosto pela arte, quando representam as situações reais que queriam denunciar e reivindicar.

Embora a relação entre literatura e sociedade esteja presente na primeira parte do texto, a própria literatura se manifesta tecendo uma relação entre objetividade e subjetividade, apresentando não somente transformações no espaço social em que o capital acumulado pelo conhecimento e pelo capital político e econômico se expressa nessa relação construída num conjunto de regras, mas as contribuições que essa obra realiza no leitor no âmbito da experiência.

O contexto em que Carlo Levi realiza a sua experiência é que possibilita questionar sobre “[...] um aparato de comportamentos simbólicos que durante muito tempo estiveram associados à sociedade ‘primitiva’ ”(COHEN, p. 13, 1978). Sobretudo, acerca da população da aldeia há um espaço relacional que se manifesta como uma crença coletiva sobre o sentido da produção da vida e que se reverbera em comportamentos conformados, manifestados por certa inércia coletiva no trabalho com a terra, desesperança nas ações e nos diálogos, assim como pelos maus-tratos dos que detém o poder. A narrativa em seu conteúdo engendra o conteúdo poético frente à identificação do posicionamento político de Levi com a história de resistência dos camponeses.

Apenas está gravada em seus corações; faz parte de suas vidas, é o fundo poético de sua fantasia, é sua epopéia desesperada, cruel e negra. Até mesmo seu aspecto de hoje em dia relembra a imagem antiga do bandido: sombrios, fechados, solitários, carrancudos, com o chapéu negro e a roupa preta e, no inverno, o casacão, sempre armados, ao irem para os campos, com ofuzil e o machado. Seu coração é doce e sua alma paciente. [...] Contudo, quando após infinitos sofrimentos toca-se o fundo de seu ser e move-se um sentimento elementar de defesa e de justiça, então a sua revolta desumana, que parte da morte e só conhece a morte, onde a violência nasce do desespero. [...] Para sua infelicidade viram-se transformados em instrumentos inconscientes da História que se desenrolava fora deles, contra eles [...] (LEVI, p. 166).

Goldmann (1979, p. 72) ressalta a influência da vida social sobre a criação literária, ao referir-se aos valores econômicos e sociais que “se dirigem precisamente para esta realidade, tentando introduzir nela o máximo de solidariedade e de comunidade humanas”.

Embora o romance remontasse a um tempo histórico de um pós-guerra e Gagliano ser um lugar distante do que pode ser chamado de civilizado, os camponeses são apresentados como a força necessária ao poder político e hegemônico, assim como à resistência. Carlo Levi consegue, em riqueza de detalhes, atingir o leitor(a) por um conjunto de símbolos criados e adotados pela cultura, pois “[...] aparecem aos membros

do grupo como elementos que existem externamente à sua psique e os que os constroem em seu comportamento. Eles se tornam públicos ao serem assumidos como representação coletiva do grupo” (COHEN, 1978, p. 16).

Os camponeses, em maior número de pessoas que habitavam Gagliano, recebiam ordens dos mandatários, exerciam em toda a sua brutalidade com os processos que lhes eram impostos, em que a lei e a ordem eram garantidas pela administração central, porém sem a preocupação de prosperá-la. Embora outros recursos naturais se fizessem necessários à seção de substância da economia da aldeia pudessem ser abundantes, a atração dos homens pelas cidades e pela industrialização parecia corresponder aos seus interesses, uma vez que já se sabia que as cidades do norte da Itália possuíam maior fonte de enriquecimento.

Uma ordem política se institucionaliza numa sociedade quando se interroga as suas estruturas econômica, política, moral e ideológica, e esse é o único caminho possível para sua validação. Assim, o processo de diferenciação institucional que acompanha a mudança de uma sociedade primitiva em sociedade industrial [...] (COHEN, 1978, p. 72).

Por esta razão, entre outros aspectos, a lei e a ordem em Gagliano se expressavam por um jugo colonial sobre os trabalhadores fazendo-os produzir sob o contrato da sobrevivência. Torna-se evidente no romance que as relações políticas e econômicas fundamentais à vida moderna são mantidas nos diálogos, reproduzindo modelos que conferem lugar na urbanidade, como um fenômeno de projeção, em um espaço que se distingue pela pauperização e por uma cultura diversa.

O trabalho realizado na aldeia pelo protagonista Levi comporta atividades contratuais intensas e, às vezes, incompatíveis, sem oferecer as devidas condições de atividades simbólicas e, nesse aspecto, é que a irmã de Carlo, também médica, o assiste para suprir as necessidades prementes, fornecendo ainda uma imagem simbólica da elite italiana, importante para assegurar outras relações contratuais futuras. Cohen (1978, p. 72) chama atenção sobre “a busca de equilíbrio com aqueles que não representam nossas relações contratuais ordinárias e considera necessária a interação simbólica com os outros”.

O campo da literatura interroga e organiza, em certo sentido, a percepção de mundo, em que o leitor é confrontado de forma dialética sobre sua subjetividade e as formas de produzir a vida social, assim como a possibilidade de reflexão sobre essa

mesma realidade para consolidar a necessidade da virtude de resistência e de redescoberta de princípios esquecidos e renegados. Por isso, “[...] não ocorre uma mera casualidade sócio-cultural, em que sujeitos se comportam de modo intencional” (COHEN, 1978, p. 71).

O esforço de Carlo Levi para se adaptar e relacionar com os habitantes de Gagliano são demonstrados em suas reflexões no romance, quando exaurindo todas as possibilidades oferecidas pelos modelos de comportamento simbólico, que assegurassem uma identidade à nova situação vivida como exilado e, portanto, estrangeiro, são conferidas à pintura que realiza no campo, dando certo sentido ao seu exílio e fuga do real, ao mesmo tempo intervenção sobre o real.

É evidente a preferência do autor/narrador/personagem pela pintura como uma forma de pintar a realidade ao seu modo e é por esta relação com a arte que ele consegue aproximar-se daqueles que, de certa forma, parecem buscar uma identidade em meio à vida sem sentido em Gagliano. A narrativa confere reportar a Fisher (1981, p. 13) a respeito da arte como: “[...] meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; [...] capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias [...] como a expressão do desejo do indivíduo de se identificar com aquilo que ele não é [...]”.

A possibilidade de transformar a experiência em memória, a partir da pintura realizada nos campos da região, faz com que Levi se dedique intensamente a essa arte, mas não somente pela emoção como também derivar de uma intensa experiência da realidade – ela se faz presente como uma construção do real e, segundo Fisher (1981), vai tomando forma através da objetividade, de maneira que Levi se identifique com ela e busque, de certa forma, superar o horror.

Como um militante que requer ação e decisão, Levi representa em suas pinturas o local, o ambiente, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica, provoca a partir delas reminiscências na narrativa oral dos camponeses e em particular parece ser o mote de sua arte, refletir as condições rudimentares da vida naquela aldeia; ir à natureza para permitir a experiência possível, agindo na captação da realidade através dos sentidos.

4. Conclusão

À guisa de concluir essa análise, no que se refere à literatura e sua relação com a formação humana, compreende-se que a obra de Levi exerce, como afirma Fisher (1981, p. 19), o “[...] papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opacas, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social”. Há um compromisso, portanto, em ter algo especial a dizer no combate à reificação, quando ao narrar Levi se utiliza, como meio estético, do modo enigmático pelo qual os homens da aldeia se tornam uns para os outros, descrentes de que naquele lugar houvesse espaço para a religião.

O fato de Levi se dedicar muito tempo à pintura no campo permitiu a proximidade com a natureza, capaz de fornecer significativa dimensão religiosa não formal, refletindo a natureza na arte para que dela e por dentro dela fosse possível transcender o significado da religião, recriando condições para o real. Durante esses momentos dedicados à arte, a aproximação de várias pessoas para rememorar suas vivências colaborou para que a tentativa de decifrar a vida exterior daquele lugar se convertesse em captar a essência, que por sua vez aparece como algo “assustador” e duplamente alheio no contexto do estranhamento cotidiano, que foi imposto pelas convenções da vida social, ao mesmo tempo em que permite o narrador tornar-se co-participante da coletividade que agora se integra.

Em um dos trechos do livro “Cristo Parou em Éboli” encontra-se o reconhecimento dos habitantes relativo ao pertencimento de Levi ao grupo, aspecto que não visa apenas uma simples descrição, mas permite ao leitor “entrar” na obra no seu sentido estético: “[...] você também está sujeito ao destino. Não importam os motivos que o levaram a isso [...] mas apenas um Destino ruim, [...]. *O Estado é uma das formas desse destino, como o vento que queima as colheitas e a febre que nos destrói o sangue*” (LEVI, 1986, p. 95. Grifo meu).

Nesse adentrar do leitor(a) à obra literária é possível considerar o espaço da formação. A obra se constitui formadora, exigindo indagações que compõem a vida, diz dessa experiência de reflexão em que o personagem, também narrador, configura-se em dois mundos, realizando o papel do demiurgo, aquele que lê nos personagens o sentido do humano e aprende com eles, utiliza-se do momento histórico sem precisar buscar a historiografia para também dizer da dinâmica do movimento em que os sujeitos individuais e coletivos atuam e se transformam dialeticamente.

Reunidos os elementos traçados e relacionados nesse artigo, entende-se que Levi (1996) concebe seu não pertencimento ao seu lugar de origem e nem mesmo à aldeia de Gagliano, apesar de se sentir acolhido nesse lugar. Ele aproxima-se como romancista de um reconhecimento público da nova identidade social, a qual ele sempre estará em busca de um “exílio” concebido como lugar de descobertas em que o indivíduo é

o lugar de todos os relacionamentos. Esse conceito [...] define o Estado [...]. Essa reviravolta da política, [...] está implícita na vida campestre e é o único caminho que nos permitirá sair do círculo vicioso de fascismo e antifascismo. Este caminho chama-se autonomia (LEVI, 1996, p. 296).

Esse aspecto estético se expressa como o lugar da formação humana, a emancipação que diz respeito à realização de experiências formativas, autorreflexão que pressupõe liberdade e superação do individualismo para alcançar espírito crítico e criativo. A obra “Cristo parou em Éboli” corrobora a literatura ao “[...] oferecer as audácias e às transgressões que os escritores e os artistas introduzem, não apenas em suas obras, mas também em sua existência, ela própria concebida como obra de arte [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 75).

Certamente a obra se converte num veículo de resistência para se pensar em autonomia em seu sentido estético e formativo, se constituir sujeito histórico capaz de sustentar novos modos de formalização e ordenação não mais assentadas na repressão da experiência de não-identidade, mas sim de mestre aprendiz. De modo que, em certas situações históricas, encontre sua primeira manifestação na arte, na possibilidade de reproduzir e recriar para depois desdobrar-se em outras esferas da vida social.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de Literatura I*. Tradução Jorge M. B. de Almeida. Ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2012, p.55-64.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. O conceito de esclarecimento. In: _____. *Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 17-46.

BENJAMIM, Walter. Experiencia e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

_____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Questões de sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século – Edições Sociedade Unipessoal, 2003.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução: Maria Correa. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Col. Grandes Cientistas Sociais.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986. O outro: esse difícil. In: _____. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, p. 7-11.

BRUM, Pedro Santos. Ficção e história: cruzamentos e conceituações. In: _____. *Teorias do romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria. Ed. da UFSM, 1996, p. 13-21.

BRUM, Pedro Santos. Sociologia do romance: noções ideais e trilhas reais. In: _____. *Teorias do romance: relações entre ficção e história*. Santa Maria. Ed. da UFSM, 1996, p.25-43.

CANDIDO, Antônio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 13 – 76.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FISCHER, Ernest. A função da arte. In: _____. *Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 11-20.

GOLDMANN, Lucien. Materialismo dialético e história da literatura. In: *Dialética e cultura*. 3ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979, p. 69-90.

LEVI, Carlo. *Cristo parou em Éboli*. Tradução: Wilma Freitas Ronald de Carvalho. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.

LUKÁCS, Györg. A arte como autoconsciência do desenvolvimento da humanidade. In: NETTO, José Paulo (Org.) *Lukács: Sociologia*: São Paulo: Ática, 1981, p. 109-203.

Recebido em: 04 mai. 2018.

Aceito em: 04 jun. 2018.